

Congada: resistência cultural em meio à Pós-Modernidade¹

Josiane Maria Luiza ELIAS²

Ricardo Matos de Araújo RIOS³

Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena, MG

RESUMO

Este artigo analisa a resistência da congada como movimento brasileiro. Para tanto, analisará a sobrevivência da cerimônia religiosa após a pandemia de COVID-19 em cidades do interior de Minas Gerais, para compreender se houve a celebração ou não em 2022. O trabalho como objetivo discutir como a celebração resiste em meio aos processos de Pós-Modernidade, remetendo as tradições africanas. Como alicerces teóricos foram utilizadas as ideias de Zurara (1841), Bauman (2001) e Berman (1986). Espera-se que este trabalho contribua com as discussões sobre cultura afro-brasileira e religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: Congada; Cultura Afro-brasileira; Minas Gerais; Pós-Modernidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a relevância da Congada como importante marca cultural do interior de Minas Gerais. Para isso, através de análise de conteúdo, verificar-se-á se algumas cidades da Região Geográfica Intermediária de Barbacena, de Minas Gerais, composta por 49 municípios, celebraram a festa após o fim das restrições causadas pela COVID-19. Com isso, será possível observar se foi possível manter seu valor histórico como representação religiosa e sincrética da cultura das matrizes africanas com o catolicismo em meio à pós-modernidade. Para tal, utilizaremos os conceitos de Zurara (1841), Bauman (2001) e Berman (1986).

Ao chegarem no Brasil para se transformar em apenas uma máquina de serviços braçais, os negros escravizados da África tiveram que deixar suas subjetividades, invisibilizando seus sentimentos, sua criatividade, sua sensibilidade, sua história. Quando esses mesmos escravizados se apegavam ao pouco que sobreviveu à viagem pelo Atlântico dentro dos navios negreiros, essa pouca cultura que chegava aqui no Brasil era marginalizada e proibida.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAC, email: josianeluiza16@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação Social pela UFJF. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAC, email: ricardorios@unipac.br / ricmrios@gmail.com ; Twitter: @ProfessorRios

A Congada é uma manifestação cultural que une a tradição originalmente africana, e santos cultuados no Catolicismo e que possuem grande influência para a população católica até os dias de hoje. Além de um ato de resistência da identidade afro-brasileira, mostra-se relevante e necessária em meio aos movimentos de liquidez da pós-modernidade. Na África esse movimento servia para festejar o rei Congo na região onde hoje é o norte de Angola, mas chegando ao Brasil foram acrescentadas as participações dos santos pretos da Igreja Católica, a saber: Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Esses três santos foram logo reconhecidos como divindades africanas e inclusos nessas celebrações.

Podemos considerar a introdução desses santos na cerimônia como forma de identificação dos escravizados com essas divindades do “novo mundo”, encontraram um alento em figuras que os representassem para suportar as dificuldades que viriam pela frente. Com isso, o movimento em si também se tornou uma forma de resistir e suportar aos horrores da escravidão, mesmo com essa adaptação feita aqui no ocidente.

Com isso, pode-se também dizer e observar a Congada não como um movimento nostálgico, mas sim como um movimento que ressalta o poder, a memória, a conexão com valores tradicionalíssimos e culturais, que foi ensinado por uma outra geração e que serviu e serve como um símbolo de resistência. Pode-se, de certa forma, dizer que atualmente o mesmo valor significativo que possui aos seus praticantes, possuiu aos escravizados há séculos atrás, um sentimento avassalador de pertencimento e uma visão da congada como um movimento identitário.

Nos dias atuais, percebemos que esse sentimento de pertencimento e identidade, ainda prevalece em torno da prática, e agregado a isso, podemos observar também o zelo dos participantes em não deixar a Congada morrer e que nenhum valor se perca, e também há a preocupação em que a tradição continue sendo passada às gerações que irão vir pela frente.

INTRODUÇÃO AO PROCESSO ESCRAVAGISTA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

De acordo com Rios (2022, p. 14), do ponto de vista da colonização portuguesa afro-americana, a dominação do outro começou em 1441, quando o navegador Antão Gonçalves, após uma expedição na Mauritânia, capturou dois azenegues (negros islamizados) e os levou a Portugal como um presente a Dom Henrique, infante de

Portugal. Ao receber os dois azenegues, D. Henrique enviou um diplomata até Roma para negociar junto ao Papa Eugênio IV uma bula papal que normatizaria o processo escravista. Na negociação, segundo o autor, a bula deveria conceder a Portugal o monopólio do comércio com a África e a autorização para fazer a guerra contra os infiéis (aqueles que não eram Católicos), tirar-lhes as terras e escraviza-los.

O poder no sistema colonial é exercido por meio do preconceito, subjugando os nativos e aqueles que não são naturais do Estado colonizador. Este processo transforma os subjugados em “anormais”, levando a um modelo em que os “normais” passem a colocar os nativos das colônias em situação de inferioridade e, desta maneira, serão “individualizados através do testemunho racista da ciência e da sabedoria colonial administrativa” (BHABHA, 1998, p. 185), possuindo aparências divergentes nos âmbitos éticos e mentais, fazendo com que a integração e independência diante do outro sejam consideradas impossíveis. A partir deste pensamento, o sujeito colonial passa a ser marginalizado e escravizado. A definição do sujeito a ser escravizado é feita, então, através de tipologias raciais e estereótipos racistas. Este sujeito é reintroduzido na dinâmica de poder como "capacidade produtiva".

Para o sujeito colonizado, este processo acaba com sua liberdade e o transforma em alguém a ser constantemente vigiado, mesmo sem os aparatos modernos de vigilância existentes atualmente. Ao ser dominado, Bhabha (1998, p. 186) observa que aquele sujeito era tabulado, enumerado e até mesmo podia ser seguido por paranoia e fantasia. É interessante notar que a Sociedade da Vigilância já se fazia presente na era da colonização, transformando toda a subjetividade do ser humano em mero número. Este é o momento em que o “darwinismo social” faz com que o humano perca sua humanidade para o poder de um terceiro.

Em 1452, a bula *Dum diversas*, emitida pelo Papa Nicolau V, garante a Portugal a escravização perpétua de muçulmanos e pagãos. Entretanto, católicos não poderiam ser escravizados. Segundo Zurara (1841), a salvação dos azenegues e mouros só viria após a conversão ao Catolicismo, mas isso não garantia a liberdade. O fato é que nem a salvação e nem a liberdade vieram. Mesmo convertidos ao Catolicismo, os cativos tidos como infiéis conseguiam manter características religiosas de suas matrizes após a conversão, como a equivalências dos orixás em santos católicos. Um deles é a Congada.

PÓS-MODERNIDADE E A RESISTÊNCIA DA CONGADA

Em meio a tentativas globais de produção e consumo ocidentalizado da cultura, com projetos de apagamento e supressão cultural, é muito interessante que a Congada tenha permanecido como elo cultural das comunidades do interior de Minas Gerais com as raízes africanas dos cativos que conseguiram introjetar essa modalidade de professar a fé no passado e perdurando até os dias de hoje. Berman (1986), no seu livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, afirma que modernidade é o dilema entre gênese e destruição, possibilidades e riscos, que marcam o espírito de uma nova época, chamada era moderna. Conforme aponta Berman, o turbilhão da vida moderna é marcado por situações extremamente contraditórias. Por um lado, tem alimentado muitos avanços: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano. No seu livro, Berman divide a modernidade em três fases.

Segundo o autor, a primeira fase, compreendida entre o início do século XVI até o fim do século XVIII, é uma época em que as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem ideia do que as atingiu. Mantêm tradições e rotinas de uma sociedade tradicional, mas começam a vivenciar algumas experiências da era moderna. Na segunda fase da modernidade, conforme Berman, começa a grande onda revolucionária de 1790, com a Revolução Francesa. O público passa a partilhar o sentimento de viver em uma era revolucionária. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização. Para Berman, o século XX, com as intensas transformações sociais, políticas e culturais apontam para a terceira fase da modernidade. O processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam línguas incomensuravelmente confidenciais. Daí surgem os

grandes dilemas da modernidade: as imensas possibilidades, as ameaças, o progresso, os avanços e riscos da tecnologia. A presença do estranho, das multidões desconhecidas, o isolamento social. Por outro lado, a instauração de novos estilos de vida, novas relações sociais e a mudança constante de valores.

ANÁLISE

Para compreender se há festas e mobilizações de Congadas em algumas cidades da Região Geográfica Intermediária de Barbacena, de Minas Gerais, esse trabalho faz análise de conteúdo, através da busca de notícias do ano de 2022 que mostrem se as cidades de Barbacena, Barroso, Congonhas, Dolores de Campos, Prados, São João del-Rei e Tiradentes retomaram suas celebrações após o fim das restrições da pandemia de COVID-19. A escolha dessas cidades se dá pelo alto número de população católica, conforme dados do IBGE, e pela presença histórica de escravizados nesses municípios mineiros.

Nas cidades pesquisadas (Barbacena, Barroso, Congonhas, Dolores de Campos, Prados, São João del-Rei e Tiradentes), houve celebração de Congada em todas, exceto Congonhas. Em Barbacena, a celebração aconteceu no dia 18/09, em Barroso no dia 11/09, em Dolores de Campos no dia 13/11, em Prados no dia 16/10, em São João del-Rei no dia 16/10 e em Tiradentes no dia 10/07.

TABELA 01: datas de celebrações de Congadas nas cidades pesquisadas

CIDADE ANALISADA	DATA DA CELEBRAÇÃO
Barbacena	18/09/2022
Barroso	11/09/2022
Congonhas	Não realizou
Dolores de Campos	13/11/2022
Prados	16/10/2022
São João del-Rei	16/10/2022
Tiradentes	10/07/2022

A celebração em 85% das cidades analisadas mostra que, em 2022, a cultura da Congada pode ser retomada após as restrições da COVID-19. Nos municípios onde foi celebrada, a Congada manteve seu valor histórico como representação religiosa e sincrética da cultura das matrizes africanas com o catolicismo em meio à pós-modernidade. Isso não significa que no caso de Congonhas tenha havido perda de relevância, sendo apenas reflexo da contingência sanitária.

Note que a Congada passou por todos os estágios da modernidade como apontada por Berman e mantém-se forte no interior de Minas Gerais até hoje. Com a fé cristã imposta sobre os escravizados durante o período colonial juntamente com o racismo, deu-se o costume de marginalizar as religiões trazidas.

Na Congada há a junção da tradição afro com os santos da Igreja Católica, a tornando em uma prática de afrocatolicismo, o que fez com que, ao passar dos anos, as pessoas olhassem a celebração com menos estranhamento. Sendo assim, a Congada se torna importante ao transformar-se em prática cultural e religiosa que reafirma as raízes negras sem perder o tradicionalismo e a fé também nos Orixás negros, e agradecendo sempre ao Rei Congo.

Além disso, é uma prática que foi passada de geração em geração desde a época da escravidão, o que nos leva para um outro debate sobre a versatilidade dessa tradição. Com o passar dos anos, a Congada se torna uma prática comum no Brasil, ganhando seu espaço com grande aceitação após as missas nas Igrejas consagradas à Nossa Senhora do Rosário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que a Congada conseguiu vencer a liquidez do pós-modernismo e permanece existindo, sendo transmitida oralmente e documentalmente para as novas gerações no interior de Minas Gerais. Se Bauman (2001) coloca que os sujeitos realizam esforços para manter à distância o ‘outro’, o diferente, o estranho e o estrangeiro, a Congada mostra que sua adaptação à cultura católica foi importante para mantê-la existente, resistente e relevante até a contemporaneidade.

Podemos dizer que essa adaptação do festejo com uma cultura em desconhecida, o catolicismo para os Africanos naquela época, foi de extrema importância para quem

visse o movimento de fora, encontrasse ali algo que fosse familiar, e isso também fez com que a Congada se torna-se um movimento acolhedor, fazendo com que nos dias atuais, boa parte de seus participantes fazem parte da religião católica, e mesmo com que as músicas que são cantadas durante a celebração cultuem explicitamente os orixás africanos, não há pré julgamento por meio deles.

Pode-se também considerar que, a Congada é um dos únicos movimentos culturais que veio da África e que ainda é praticado com o mínimo de estranhamento, já que o festejo é celebrado livremente pelas ruas das cidades, aumentando assim sua significância, e isso se dá por essa mescla de culturas e de tradições, onde mais de uma cultura é abraçada com intuito de exercer a fé de cada pessoa.

Juntamente com isso, ainda hoje há certas tradições que sofrem preconceito, como por exemplo as religiões Umbanda e Candomblé, onde o foco principal nos cultos são os orixás que tem origens na África. Essas religiões, apesar de possuírem a mesma raiz que a Congada, são alvo de um estranhamento maior. Em entrevista ao podcast PodPah, o cantor Diogo Moncorvo, mais conhecido como Baco Exu do Blues, relatou ter recebido ameaças de morte em seu Instagram e ter sido agredido em uma viagem à São Paulo por ser praticante do Candomblé. Apesar de existir preconceito, diferente das práticas citadas acima, a congada nos dias atuais é popularmente praticada nas ruas. Com a falha tentativa dos colonizadores em unificar as pessoas, unificar os países dominados por eles com seus ideais, contribuíram involuntariamente para a criação de religiões, como é o exemplo da Umbanda, e a difusão de práticas que são popularmente conhecidas e são aceitas na cultura brasileira até os dias atuais.

Nos dias atuais, podemos ressaltar que esse movimento tem a função de reafirmar a fé e a devoção dentro do catolicismo, e já para a comunidade negra no Brasil, a congada vem com o poder de reafirmar as origens e também como um ato de agradecimento aos antepassados por toda força e resistência, ficando claro a preocupação de todos os praticantes em não deixar tal tradição se perder com o tempo, mas pelo contrário, fica claro o zelo em propagar a cultura para as próximas gerações.

A realização da Congada resistiu através do Oceano Atlântico, resistiu pelos séculos, e se torna popular atualmente como uma prática flexível e que se adapta através das gerações, já que ao longo do tempo alguns ritmos e instrumentos foram introduzidos

na celebração para se adequar melhor aos jovens, sem deixar de lado o tradicionalismo, o orgulho, a fé e a devoção.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Januário (2022). **APRESENTAÇÃO DE CONGADOS E PROCISSÃO ENCERRAM FESTIVIDADES DE SANTA EFIGÊNIA | Vertentes das Gerais**. Disponível em: <https://vertentesdasgerais.com.br/apresentacao-de-congados-e-procissao-encerram-festividades-de-santa-efigenia/>. Acesso em 06 jun. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PORTAL DORES DE CAMPOS (2022). **Fé e tradição no Encontro de Congados em Dores de Campos**. Disponível em: <https://portaldoresdecampos.com.br/encontrodecongados/>. Acesso em 06 jun. 2023.

RÁDIO SÃO JOÃO DEL-REI (2022). **VII ENCONTRO DE CONGADO ACONTECE EM TIRADENTES NESTE DOMINGO, 10**. Disponível em: <https://radiosaojoaodelrei.com.br/2022/07/06/vii-encontro-de-congado-acontece-em-tiradentes-neste-domingo-10/>. Acesso em 06 jun. 2023.

RIOS, Ricardo Matos de Araújo. **Colonização às Avessas? O domínio da televisão brasileira em Angola, Moçambique e Portugal em 2021**. Juiz de Fora: UFJF, 2022.

BASÍLIO, Januário (2022). **APRESENTAÇÃO DE CONGADOS E PROCISSÃO ENCERRAM FESTIVIDADES DE SANTA EFIGÊNIA | Vertentes das Gerais**. Disponível em: <https://vertentesdasgerais.com.br/apresentacao-de-congados-e-procissao-encerram-festividades-de-santa-efigenia/>. Acesso em 06 jun. 2023.

SILVEIRA, Lucas (2022a). **Prados realiza festa do Rosário neste domingo, 16**. Disponível em: <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/prados-realiza-festa-do-rosario-neste-domingo-16/>. Acesso em 06 jun. 2023.

SILVEIRA, Lucas (2022b). **Tradição e oração destacam festa do Rosário no distrito do Rio das Mortes**. Disponível em: <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/tradicao-e-oracao-destacam-festa-do-rosario-no-distrito-do-rio-das-mortes/>. Acesso em 06 jun. 2023.

TV BARROSO REGIONAL (2022). **Apresentação dos grupos de congado de Barroso e região no 5º Fest'Arte**. Disponível em: <https://www.facebook.com/TVBarrosoRegional/videos/455399396533169/>. Acesso em 06 jun. 2023.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné escrita por Mandado de El Rei D. Affonso V sob a Direcção Scientífica e segundo as Instrucções do**



Ilustre Infante D. Henrique pelo Chronista Gomes Eannes de Azurara. Paris (França): J. P. Aillaud, 1841.